

Declare guerra à estrelinha

A podridão floral dos citros pode reduzir produtividade no campo

Popularmente conhecida como estrelinha, a podridão floral é uma doença que deve ser combatida com afinco pelos citricultores. Na florada deste ano, as condições climáticas foram favoráveis ao fungo *Colletotrichum acutatum*, que ataca as flores de plantas cítricas, incluindo laranjeiras, limoeiros e tangerineiras. Isso provocou a queda prematura dos frutos recém-formados e acarretou a perda total da produtividade das plantas.

O nome de estrelinha deve-se a um sintoma característico da doença. Após a queda do fruto recém-formado, o cálice (invólucro exterior da flor) fica retido ao ramo da planta, estrutura que apresenta formato de estrela. A planta continua destinando nutrientes ao cálice retido, como se o fruto estivesse presente. Por isso, a estrutura aumenta de tamanho.

O fungo *Colletotrichum acutatum* ataca os citros em geral, além de culturas como morangueiro, macieira e pessegueiro. Ele pode sobreviver em qualquer órgão verde da planta cítrica, enquanto aguarda condições ambientais ideais para sua multiplicação, dispersão e infecção de flores. Causa grandes prejuízos quando a florada das plantas coincide com períodos de chuvas frequentes, que favorecem a reprodução do fungo e a dispersão dos esporos produzidos para as flores, via respingos de água.

“A podridão floral ocorre em todo estado



Acima e ao lado, flores apresentam primeiros sintomas do ataque



Abaixo, após a queda das pétalas, característica que dá nome à doença



de São Paulo, porém ela é mais frequente e severa no sudoeste paulista, onde a incidência de chuvas é maior e as temperaturas são menores. Temperaturas mais baixas fazem com que a duração do período de florescimento das plantas seja maior, com duração de até dois meses.

“As condições climáticas são favoráveis ao fungo, e as flores ficam sujeitas ao seu ataque por um período maior no sudoeste do que em outras regiões produtoras paulistas”, explica

Eduardo Feichtenberger, engenheiro agrônomo e pesquisador do Instituto Biológico, órgão ligado à Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo.

Feichtenberger conta que os primeiros registros significativos da podridão floral no Brasil são de 1977, no estado do Rio Grande do Sul. Já em São Paulo, na florada de 1993, a doença apresentou gravidade excepcional provocando a perda de mais de 80 milhões de caixas de laranja, mostrando o potencial destrutivo do fungo.

O pesquisador recomenda que o controle da doença seja feito via pulverizações preventivas com fungicidas de comprovada ação. O tratamento deve ser iniciado quando os botões florais estão ainda verdes, no estágio conhecido como “cabeça de alfinete”, antes que as partes brancas comecem a aparecer. Recomenda, ainda, que o tratamento deve continuar até a completa queda das pétalas das flores.



Você colhe o que
você planta

syngenta

© Syngenta 2008



Inspeção o pomar periodicamente



Elimine a planta infectada



Combata o psilídeo



Utilize mudas saudáveis

Todos contra
o Greening
Pé achado, pé eliminado

www.syngenta.com.br

INFORMATIVO



Vivecitrus

Organização Paulista de Viveiros de Mudas Cítricas



Ano 09 - nº 36 - Out/Nov/Dez 2009



Desafios da citricultura no Brasil

Uma análise crítica da cadeia citrícola e propostas para superação da crise nas próximas décadas



Homenagem

Citricultura se despede de um de seus maiores expoentes

MUDAS MAIS RESISTENTES
Saúde interna, beleza externa

YaraLiva



Joaquim Dragone
Presidente da Vivecitrus

Novos rumos

Chegamos ao final de um ano especialmente difícil para a citricultura. A crise mundial estagnou o crescimento da maioria dos países e, conseqüentemente, diminuiu o consumo externo. Somado a isso, enfrentamos no Brasil doenças como o HLB (greening) e a estrelinha, que diminuem a produtividade e a torna mais cara. Mas, não devemos nos apegar a crise. Devemos, sim, enxergar nela excelentes oportunidades para buscar novos caminhos.

Na última reunião da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Citricultura, em Brasília, percebemos uma preocupação nacional sobre a qualidade e sanidade na produção de mudas cítricas. Neste evento foram criadas propostas para a padronização das atividades nos viveiros, com o intuito de evitar a disseminação de doenças logo no início da cadeia produtiva. Precisamos somar forças para ter e manter uma citricultura mais forte e organizada.

A citricultura não vai acabar, visto o crescimento da produção em outros estados, principalmente de pomares de frutas de mesa abastecendo o mercado interno regional. Outras culturas, como a do café e da cana-de-açúcar, já passaram por crises semelhantes, aprenderam valiosas lições e superaram a tormenta. A busca pela excelência deve ser contínua e com empenho maior nas adversidades. Sentimos que produzir mudas de qualidade comprovada, sem onerar o preço, é uma das preocupações do setor, demonstrada no conteúdo das palestras e pelo grande público presente no Dia do Viveirista realizado em agosto no Centro APTA Silvio Moreira.

Aproveitamos para anunciar nosso novo associado, Vítor Cicolin. Seja bem-vindo!

Expediente

Informativo Vivecitrus é uma publicação trimestral da Vivecitrus (Organização Paulista de Viveiros de Mudas Cítricas), Avenida Cássio de Carvalho, 23, CEP 14802-350, Araraquara – SP. Fone: (16) 3331-1301. Site: www.vivecitrus.com.br. E-mail: vivecitrus@vivecitrus.com.br. **Conselho editorial:** Christiano César Dibbern Graf, Henrique Fiorese, Marcelo Soares de Almeida e Joaquim Dragone. **Coordenação editorial:** Com Texto Comunicação Corporativa. Fone: (16) 3324-5300. E-mail: [ctexto.com.br](mailto:ctexto@ctexto.com.br). **Jornalista responsável:** Fernanda Franco (MTb. 28.578). **Reportagem:** Danilo C. Paulino. **Edição:** Michele Carvalho e Raquel Rodrigues. **Projeto gráfico:** Valmir Campos. **Fotos:** Arquivo Vivecitrus. **Impressão e fotolito:** Gráfica Bolsoni. Fone: (16) 3336-9008.

Desafios da citricultura para a próxima década

A vez do Brasil: produtores, indústria e governo devem se unir para incentivar o consumo interno



Saída de produtores em decorrência de baixos preços é principal cenário a ser discutido

Há tempos se discutem melhores mecanismos de distribuição de renda na citricultura, mas os resultados não têm sido suficientes para evitar que produtores abandonem a atividade. “Conter a saída de produtores a cada ciclo de baixa é justamente o ponto central da discussão que a citricultura precisa conduzir”, diz a pesquisadora Margarete Boteon, do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP de Piracicaba.

Reorganizar a cadeia cítrica continua sendo um desafio para seus participantes. Nesse processo, a pesquisadora destaca a importância de que seja dada mais transparência ao processo de formação de preços ao produtor, numa tentativa de diminuir a concentração da renda no setor produtivo e, conseqüentemen-

te, impedir a saída de mais citricultores da cadeia. Paralelamente, seria preciso reduzir a dependência do mercado externo.

Entre 1995 e 2007, o número de unidades de produção agropecuária (UPA) reduziu 44% na média de 14 Escritórios de Desenvolvimento Regional de destaque na citricultura, conforme dados do Levantamento Censitário das Unidades de Produção Agropecuária do Estado de São Paulo (LUPA), efetuado pela Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI) da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Por UPA entende-se um conjunto de propriedades agrícolas contíguas, pertencentes ao mesmo proprietário (ou grupo), localizada inteiramente dentro de um mesmo município, com área total igual ou superior a 0,1 hectare e não destinada exclusivamente para lazer.

O levantamento mostra, simultaneamente, a

saída de produtores da atividade e o aumento da concentração do setor produtivo. Mesmo nas regiões onde houve expansão da citricultura, como no sul, o número de unidades de produção diminuiu em 2007 em comparação a 1995.

Margarete aponta a política de preços mínimos combinada ao envolvimento organizado do setor como uma alternativa. Para a pesquisadora, a situação atual é favorável ao consumo interno, com estabilidade econômica e aumento do poder aquisitivo por parte da população. Nesse contexto, representantes de produtores, pequenas indústrias e municípios cítricos poderiam se articular para o escoamento da produção no mercado doméstico.

“Isso poderia ser o embrião do Consecitrus, que requer o setor organizado e compartilhando informações reconhecidas de qualidade por todas as partes”, explica.

O que deve ser feito nos próximos anos?

Para garantir sustentabilidade econômica, são necessárias mudanças na citricultura paulista

Velho desafio: sistema de remuneração mais equilibrado

Um sistema de informação econômico cítrica mais completo melhoraria o ambiente de negócios do setor, porque elevaria a confiança a respeito dos valores recebidos pelos citricultores.

Consumo: é a vez do Brasil

Um ponto negativo no mercado de bebidas a base de frutas atualmente é que o consumidor brasileiro não sabe a diferença de quantidade de laranja presente em sucos (praticamente, 100% de fruta), néctares e refrescos.

Agenda 2010: estabelecer uma política de preços mínimos na citricultura

Para reverter esse processo de descapitalização de citricultores e de dependência do mercado externo de suco, é urgente uma política permanente de manutenção dos pequenos e médios produtores na atividade.



Amigos e família se despedem de Krauss

Falecido no dia 21 de outubro, o Dr. Krauss deixa um enorme legado para a citricultura. A Vivecitrus tem o prazer de homenageá-lo



“O saudoso engenheiro agrônomo Hans George Krauss, foi locutor esportivo, citricultor, viveirista, industrial e presidente do Fundecitrus. Como locutor esportivo na cidade Limeira, logo no início de suas atividades profissionais, foi dono da maior audiência, devido ao seu belo trabalho, timbre forte e privilegiada voz. Destacou-se também na agroindústria cítrica. Sua competência profissional foi gerada dentro da cadeia produtiva ao longo dos anos. Dentre suas várias qualidades, podemos destacar seu senso de humor. Graças a ele, trabalhou com todos os envolvidos na cadeia cítrica por muitos anos e contribuiu de maneira notável para o desenvolvimento da citricultura, um setor de grande sucesso e de enormes dificuldades.”

Joaquim Teófilo Sobrinho – Engenheiro agrônomo, ex-diretor do Centro de Citricultura e do IAC, atual editor do Espaço Cítrico.



Regina Helena Franzini Krauss, viúva

“Excelente pai, companheiro maravilhoso. Muito preocupado com a família e seu futuro. Olhava pra tudo e todos com muito amor. Tratava bem as pessoas, independente de classe social. Somos evangélicos e Deus sempre nos ajudou em nossas decisões.”



“Meu pai era extremamente ligado à família. Uma pessoa muito carinhosa, sempre presente.”
Ricardo Franzini Krauss, filho



“Hans Georg Krauss foi meu colega de turma na ESALQ/USP, onde nos formamos em 1965. São quase 50 anos de convivência fraterna. Sempre alegre e disposto a ajudar os companheiros em dificuldades, ativo e competente em tudo o que fez na vida, deixa um enorme vazio no setor que abraçou: a citricultura. Faz muita falta! Mais que isso, deixa um imenso vazio emotivo em todo o grande rol de amigos que construiu em sua produtiva vida. Deve estar plantando laranjeiras no céu.”
Roberto Rodrigues – Engenheiro agrônomo, ex-ministro da agricultura, atual coordenador do Centro de Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas.



“Um homem íntegro e honesto que sempre valorizou demais a família. Tinha verdadeira adoração pelos três netos: Leonardo, Vítor e Hans Neto. Religioso e doce, está fazendo muita falta.”
Mônica Franzini Krauss, filha



Krauss: na turma de engenharia agrônoma em 1965 (acima) e junto à mulher Regina, filhos e netos (ao lado)